

5 Conclusão

O presente trabalho foi motivado pelo interesse em entender como a escrita chinesa é vista e caracterizada dentro de um conjunto representativo de textos metalingüísticos ocidentais. Buscando alinhar-me ao programa de História das Ideias Linguísticas capitaneado por Sylvain Auroux, guiei minha investigação pelas seguintes perguntas de pesquisa: 1) qual o posicionamento dos discursos analisados no que tange ao modo como compreendem a relação entre fala e escrita?; 2) que perspectiva sobre o nexo entre escrita e metalinguagem os informa?; 3) como se situam no que concerne à questão do importe icônico da escrita chinesa?

Mantendo tais questões no horizonte, metodologicamente iniciei o trabalho com a apresentação dos estudos sobre a escrita em geral e sobre propostas para uma metalinguística da escrita, estabelecendo o suporte necessário para começar a discutir a escrita chinesa. Como vimos, optei pela tipologia de Haas, que parece oferecer um espectro mais amplo na relação da escrita com as outras esferas da linguagem e do processo comunicativo, sem se prender excessivamente na relação escrita/fala. Todavia não há como negar que esta é uma relação crucial e que é abordada em todos os discursos aqui apresentados, ao ponto de ser escolhida como a primeira pergunta de pesquisa, como foi apresentado acima. A articulação escrita/fala foi escrutinizada em detalhe no presente trabalho, abrindo espaço para que possamos compreender melhor como ela se processa em relação à língua chinesa. Diferentes autores sugeriram uma série de princípios que regulariam a escrita e vimos que tomar algum desses princípios como fundamental impõe via de regra algum tipo de compromisso epistemológico de fundo. Tais princípios ligam-se a uma série de questões de ordem pragmática, funcional e formal que contrastam a escrita com a fala e evidenciam a sua relação não-isomórfica.

Segundo os textos aqui apresentados, a vertente representacionista optou por secundarizar as diferenças entre escrita e fala, ao passo que os textos que exploraram alternativas não representacionistas enfatizaram tais diferenças, as

quais considero fundamentais para o entendimento da escrita. Sob esse último ponto de vista, a escrita é tomada como um sistema semiológico relativamente autônomo, ainda que mantenha com a fala uma relação de interdependência: toma um papel protagonista dentro do quadro da linguagem, desvinculando-se da posição de um mero sistema de suporte representativo da fala. Constrói-se portanto uma base teórica para dar conta da relação direta da escrita com outras dimensões da linguagem e da cognição, sem que se torne condição necessária a mediação da fala. Entre os pontos mais importantes dessa concepção não representacionista da escrita em relação à fala que, subscritos neste trabalho, informaram meu exame dos discursos sobre a escrita chinesa estão os seguintes:

- **A bidimensionalidade da escrita:** um texto escrito pode ser examinado “rapidamente,” pode ser lido “na diagonal,” ao passo que a fala (mesmo gravada) precisa ser ouvida sequencialmente. Esta é mais uma característica advinda das diferentes dimensões da escrita e fala e que se torna ainda mais evidente na clara escrita bidimensional chinesa. Vimos, por exemplo, como Auroux em particular explorou a questão gráfica da escrita e outorgou um poder cognitivo à escrita advindo desta condição;
- **a concretude da escrita e sua natureza visual:** a escrita abre o espaço para que possamos falar da linguagem ao fixar os signos linguísticos. Como resultado da tentativa de transposição do meio acústico para o gráfico, a escrita parece numa primeira instância pressupor algum tipo de análise linguística e fonológica prévia. Porém é nos muito mais frequentes momentos de empréstimos de sistemas de escrita entre línguas que ela aciona uma análise linguística e provoca um pensamento metalingüístico na procura do mapeamento do signo gráfico com as unidades fonológicas, cuja abstração se torna condição para a adaptação do sistema de escrita “importado.” Essa hipótese acarreta que o tipo de sistema de escrita irá influenciar de alguma forma a metalingüística e o pensamento linguístico de um povo;
- **A uniformidade relativa da escrita em relação à fala:** a escrita estiliza, homogeneíza e reduz as diferenças ao impor um padrão, que se não é controlado por um órgão oficial (como na França), pelo menos sofre o inspeção da elite letrada e conservadora da sociedade (como na Inglaterra). Auroux considera que essa padronização é um passo fundamental na gramatização das sociedades: “Pode-se globalmente caracterizar a passagem do oral para a escrita pela padronização, ou seja, a colocação (*mise*) em formas fixas (...) [tendo] por consequência um declínio inevitável da variabilidade” (Auroux, 2004, p.54). Abre-se espaço para que a escrita e a gramática nela baseada influenciem a fala;
- **A diferença entre os mecanismos de evolução diacrônica da fala e da escrita:** embora possamos repensar o lugar comum de uma escrita sempre mais conservadora do que a fala, há contrastivamente o caminho trilhado por Harris, de acordo com o qual tal relação não deve ser observada em sua diacronia mas apenas sincronicamente como dois sistemas interdependentes. Se na visão tradicional a escrita é mais conservadora e sua ortografia vai perdendo com o tempo contato com a representação fonética, para Harris não se pode falar de uma ortografia falha, mas sim de uma relação interdependente sincrônica escrita/fala.

Transparece como se vê nos estudos não representacionistas sobre a escrita a sua radical diferenciação em relação à fala ao longo de diversos eixos de análise. As questões acima percorreram este trabalho; outras, que versam sobre estudos textuais e de discurso, estudos de estilística e sobre aquisição, não foram abordadas aqui.

Cabe agora resumir os achados relativos ao objeto principal deste estudo, a escrita chinesa e o que se escreveu sobre ela, especialmente ao longo dos eixos das perguntas de pesquisa que guiaram o trabalho. Em particular, uma tipologia dos discursos sobre a escrita chinesa oferece caminhos para pensarmos a importância do importe icônico e semântico dos caracteres chineses. Seria portanto interessante resumir de forma esquemática (e muito simplificada!) como poderíamos “classificar” as visões dos principais autores lidos para este trabalho:

Tabela 8- Autores e suas visões sobre a escrita chinesa

		Inclinação representacionista	Inclinação não representacionista, pragmatista
Fonetismo		Gelb 1952, Cohen 1958, Diringer 1962, DeFrancis 1984, Allenton 2005.	Granet 1934, Coulmas 2003, Auroux 2004.
Semanticismo	Morfêmica	Kratochvíl 1968, French 1971, Haas 1976	
	Logográfica	DuPonceau 1838, Pulgram 1966, Sampson 1985, Li & Thompson 1982, Ping 1999.	
	Ideográfica	Astle 1784, Diringer 1948, Margouliès 1957, Hansen 1993	
Pragmatismo			Fenollosa 1912, Derrida 1967, Auroux 2004

Esta tabela expõe esquematicamente (da maneira que só a escrita torna possível!) a oposição ao longo da primeira coluna entre aqueles que entendem a escrita chinesa como primordialmente de base fonética e os que adotam uma postura mais semanticista. E para além da oposição dicotômica entre foneticistas e semanticistas, se situam os partidários de um pragmatismo, onde não comparece propriamente o mapeamento representacionista dos grafemas seja na dimensão acústica, seja na dimensão pictográfica ou mesmo ideográfica. No eixo das abscissas, a oposição se dá entre todos autores acima que podem primariamente ser chamados de representacionistas, e os discursos que oferecem alternativas não

representacionistas. Alguns dos autores discutidos neste trabalho não estão presentes na tabela por diversos motivos. Olson (1994) tem uma postura totalmente antirrepresentacionista com relação à escrita, mas não apresenta uma análise específica sobre o chinês. De forma similar, Harris (2001), que informou muito o presente trabalho em suas propostas não representacionistas, discute a escrita chinesa apenas de forma superficial. Finalmente, Kane (2006) aparece como “antifonético,” mas seu trabalho é mais um livro de divulgação do que um estudo científico.

Entre os foneticistas de inclinação representacionista, autores como DeFrancis, Allenton, Gelb e Diringer foram alguns dos mais citados neste trabalho. Naquela visão, a escrita chinesa só funciona como uma escrita completa na medida em que opera com indicadores fonéticos em seus grafemas. Assim sendo, o aspecto gráfico e bidimensional não impacta qualitativamente não só na sua interpretação como também na capacidade cognitiva e na metalinguística chinesas. A escrita é analisada externamente ao contexto cultural chinês e sua substituição por um sistema de transliteração fonêmico (o *pīnyīn*, por exemplo), não deveria trazer impactos relevantes para a língua chinesa.

Há aqueles que embora advoguem o foneticismo na escrita chinesa, reconhecem um potencial para essa escrita muito além de uma mera representação de uma pela outra. Granet, na sua análise do impacto da escrita chinesa na cultura daquela civilização, bem como Auroux na sua análise da estreita relação escrita/metalinguagem, são dois autores muito importantes para o presente trabalho com os quais tenho grande identificação. Esse ponto de vista aponta para o reconhecimento de que a escrita chinesa parece ser o único sistema de escrita atual que não surgiu por invenção deliberada e também que não veio por empréstimo de outra língua, o que é fundamental para que possamos entendê-la. A escrita chinesa, consideram esses autores, está completa e intricadamente inserida na história e cultura do espaço chinês. A escrita chinesa é parte essencial e constitutiva da língua chinesa, que seria profundamente afetada pela substituição por um sistema alternativo de escrita. Mais ainda, o acesso ao “outro” chinês que somente se habilita através da língua chinesa necessariamente deve passar pela sua escrita.

Os chamados semanticistas (Kratochvíl, Ping e Sampson compareceram frequentemente aqui) propõem a maior relevância do aspecto semântico na estruturação e sistematicidade da escrita chinesa. Ainda há uma relação de representação e mapeamento entre grafemas e seus significados, mas o não comparecimento da fala como protagonista e interveniente nesta relação até mesmo abre, por vezes, possibilidades não representacionistas, como, por exemplo, quando Ping afirma que a escrita chinesa logográfica (ou morfêmica) leva naturalmente a um certo descasamento entre a língua literária e a vernacular, que sempre se observou na história da língua chinesa.

Defendo essa relação mais íntima entre grafemas e significado que é apoiada pelos antifonetistas (embora reconheça que não se deva menosprezar a importância do aspecto fonético no sistema da escrita chinesa). Sob esse ponto de vista, a escrita chinesa não é uma escrita opaca e unicamente ligada à pronúncia, mas sim semanticamente informada. Os argumentos a seguir dão, a meu ver, grande suporte a essa tese:

- o arraigado hábito do chinês de “ler” o significado em cada caractere;
- a escolha principalmente pela tradução semântica dos termos importados ao invés da transliteração;
- a resistência à mudança nos grafemas e qualquer tipo de reforma ortográfica (desde o *clerical script* do século II), recusando a procura do pareamento dos caracteres com a fala. Se esse descasamento é usado pelos fonetistas como argumento para representatividade falha dos indicadores fonéticos, uma visão não representacionista olha como valorização da relação sincrônica e contextual entre signo escrito e o signo da fala;
- a simples capacidade de sobrevivência da escrita logográfica a despeito de suas claras complexidades e do fervor modernizador do séc. XX;
- a provável inexistência de caracteres chineses originais autóctones puramente fonéticos;
- o poder emblemático da escrita chinesa, a “força” do grafema, a importância do argumento estético apontado para o lado gráfico-visual e seu importe icônico;
- a ausência de análise fonológica autóctone bem desenvolvida antes das traduções budistas, importadas da Índia e a não existência de dicionários de base fonética autóctones usados de forma generalizada na China.

Finalmente, na última linha da tabela situam-se autores que adotam uma linha pragmatista radical. Eles reconhecem que o grafema é interpretável, mas que esse processo se dá numa relação que não é de representação pura e simples, mas sim de forma dinâmica e mutável. Não haveria um pano de fundo de suporte para

a escrita, algo “por trás,” já que a escrita agiria na sua prática e uso. Fenollosa e Derrida, por vias muito diferentes, parecem concordar com esse princípio básico, que privilegia o importe icônico da escrita além de sua relação com a fala e mesmo com os processos mentais. A escrita só se possibilitaria por sua concretude ao mesmo tempo em que opera na ausência do falante. E embora Auroux advogue uma escrita chinesa com substrato basicamente fonético, reconhecemos no pensamento do autor uma perspectiva pragmática da escrita, como acontecimento histórico possibilitador da reflexão metalinguística e de dimensões cognitivas não habilitadas à fala. Isso aparece, por exemplo, na análise da história da linguística chinesa em Auroux (1995), quando os estudos guiados pelo autor mostram como a linguística autóctone chinesa teria se desenvolvido sobre o substrato de uma escrita morfêmica, portanto com uma análise fonológica inteiramente diversa daquela prevalente nos ambientes das escritas cenêmicas. Em que pesem as críticas explícitas de Auroux a muitos aspectos da desconstrução derridiana do conceito tradicional de escrita, os dois autores figuram junto a Fenollosa, no corpus de textos aqui estudados, como aqueles que reconhecem na escrita chinesa menos um sistema autocontido de representação e mais uma práxis historicamente situada.

Este é um tipo de trabalho que, por sua abrangência, indica muitas rotas possíveis para uma investigação futura e para trabalhos posteriores que possam auxiliar na nossa compreensão acerca do papel da escrita chinesa dentre os sistemas de escrita e na sua relação com a língua e com nosso mundo ocidental. Ofereço aqui algumas perguntas de pesquisa sobre as quais propostas de estudo poderiam eventualmente ser desenvolvidas:

- como a escrita e o letramento (*literacy*) se articulam com as capacidades cognitivas e culturais de suas respectivas civilizações, comparando-se a escrita alfabetica com a morfêmica (chinesa), na linha dos estudos de Olson e de Grosswiler?;
- como pensarmos sobre as *metáforas* na língua e na escrita chinesa? É mesmo possível classificá-las? Será que o conceito “ocidental” de metáfora é válido no contexto da língua chinesa? Como pensar no conceito de *literal* que habita a letra ocidental vs o literal “ao lado dos caracteres” da escrita chinesa?;
- como comparar sistemas de escrita naturalmente evoluídos vs inventados? E até que ponto seria nos empréstimos que os sistemas de escrita realmente se modificam? Como funcionam os empréstimos da notação chinesa (para o japonês, por exemplo) e vice-versa?;
- como compreender melhor a metalinguagem e a linguística em chinês e feita pelos chineses? Até que ponto a linguística chinesa foi afetada por sua escrita, como

parecem querer dizer Olson e Auroux? Como o uso e padronização do *pinyin* estaria afetando a escrita e a língua chinesa?;

- se a escrita determina (ou pelo menos, pode influenciar) a linguística chinesa, como a escrita de base fonética ocidental teria feito o mesmo com a “linguística ocidental”? Até que ponto podemos falar em uma linguística universal e como podemos articular este pensamento com a linguística enquanto ciência?

Uma das evidências de que o debate sobre a natureza da escrita está longe de ser resolvido está na própria diversidade nos discursos de alguns dos estudiosos sobre o assunto apresentados neste trabalho. Florian Coulmas poderia ser um autor exemplificado aqui. Todo o seu livro *Writing Systems* (2003) é escrito ao longo do eixo das possibilidades de mapeamento entre escrita e fala, na apresentação das diversas alternativas para tal articulação. Mesmo que o autor se posicione contra uma visão ingênua representacionista da linguagem e mantenha que fala e escrita são sistemas distintos, é no eixo da relação entre fala e significado que Coulmas irá sempre apresentar sua discussão sobre a escrita. Ao mesmo tempo, ele concede, na linha tomada por Roy Harris, que há uma distinção entre notação (*script*) e sistema de escrita e que a questão da natureza “imanente” de um grafema não pode absolutamente ser reduzida a uma interpretação seja fonética, seja semântica. Ao discutir o exemplo da letra “c” em diversas escritas, o autor se depara com “a questão não trivial da ‘c-dade’ (*c-ness*) de ‘c’” (Coulmas, 2003, p.204) e do caráter elusivo da essência de “c,” concluindo que “não há um ‘c’ prototípico” (*Ibid.*, p.204).

Em outras palavras: “c” é o que “c” faz no fluxo da história em que toma parte. E a mesma frase valeria para todos os grafemas de todos os sistemas de escrita. Fundamentalmente, o que os diversos discursos sobre a escrita parecem apontar é o caráter não imanente, não universal e não representativo das unidades na notação, os tijolos mais básicos da escrita humana. A escrita chinesa abre-se como um campo muito rico de estudo onde o aspecto performativo de seus caracteres se mostra mais evidente. Se uma letra alfabética é o que ela faz, não há dúvida de que 50.000 caracteres chineses têm uma fabulosa história para nos contar.